



UNICAMP

EVENTO: "EXCESSO DE ADEREÇOS PREJUDICA 'DECODEX'"

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 23/ago/96

PÁGINA: D-3

SEÇÃO: CADERNO 2



FIM DE SEMANA



Cenas de 'Decodex', que ainda será apresentado hoje e amanhã no 6º Festival Internacional de Artes Cênicas: Philippe Decoufle cria vinhetas bem comportadas e muito bem acabadas em sucessão.

# Excesso de adereços prejudica 'Decodex'

Viciado em construir imagens para veiculação nas mídias eletrônicas, Philippe Decoufle não consegue explorar a singularidade do espaço cênico e espetáculo fica no aspecto cosmético

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

Ruth Escobar decidiu fazer da estréia de *Decodex*, no Teatro Municipal de São Paulo, na quarta-feira, a abertura oficial do seu 6º Fiac (Festival Internacional de Artes Cênicas), apesar de os chineses (com a peça *Dong Gong, Xi Gong*) e de os ingleses do Northern Broadsides (com *Sonho de Uma Noite de Verão*) já terem inaugurado, de fato, o seu evento.

No glamour do Municipal, com direito aos tradicionais

discursos e até mesmo à fita auriverde para ser cortada, o Ministro das Comunicações, Sérgio Motta, foi apresentado por Ruth Escobar como "o nosso primeiro-ministro" e Regina Duarte, a mestra-da-cerimônia, revelou desconhecer até mesmo o nome do evento: chamou o Fiac de Fica. Tsk, tsk, tsk.

Já Philippe Decoufle, o criador de *Decodex* — que ainda será apresentado hoje e amanhã, às 21 horas, no Municipal —, não cometeu gafes desse tipo. Tem absoluto domínio do que se propõe fazer. Diz ter en-

contrado nas páginas de um tratado científico escrito por Luigi Serafini, o *Códex Serafiniano*, figuras que o fascinaram. Transformou-as em personagens e deu-lhes tridimensionalidade. Com elas, povoou o universo decoufleano.

Neste mundo, desde *Triton* (mostrado aqui no evento Cargo 92) e *Codex*, de 1986, trabalhos anteriores a *Decodex*, habitam imagens que têm um denominador comum: a experimentação de um corpo construído por um figurino ou acoplado a um objeto que lhe confere outro desenho ou outra habilidade. Por

isso, seu colaborador mais importante é Philippe Guillotel, o figurinista que lhe acompanha há dez anos.

No seu repertório, as raízes circenses e a acumulação de efeitos formam um eixo central. Com 15 anos, decidido a ser palhaço, foi estudar no circo. Meses depois, passou para a dança. Estudou com Merce Cunningham e foi bailarino de Alwin Nikolais, Karole Armitage e de Regine Chopinot — com quem veio ao Brasil, em 1984. Logo depois, criou a própria companhia, a Danse Compagnie des arts, DCA.

Hoje, aos 34 anos, é um campeão de público. Assinou o desfile do bicentenário da Revolução Francesa, em 1989, e a abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de Albertville. Fez a campanha da Dior, a da Polaroid, e a que vai lançar a mudança para dez dígitos da telefonia na França, agora em outubro. Dirigiu videocliques do New Order e do Fine Young Cannibals.

Viciado em construir imagens para veiculação nas mídias eletrônicas, não consegue explorar a singularidade do espaço cênico de um palco. Como não sabe encontrar lá recursos suficientes, recheia sua cena de adereços. Organiza espetáculos em que a tônica fica no aspecto cosmético.

Sua carreira coleciona coreo-

grafias em que a estrutura é a de enfileirar vinhetas bem comportadas e muito bem acabadas em sucessão. *Decodex* confirma essa especialidade e, exatamente por isso, tal como as outras, continuará a engordar a sua imensa popularidade. Num mundo complicado como o que vivemos, há sempre quem prefira o conforto das coisas bonitinhas ao risco que a beleza, uma categoria da desmedida, sempre traz.



## Crítica

### SERVIÇO

*Decodex*, de Philippe Decoufle, com a Companhia DCA. Hoje e amanhã, às 21 horas. Ingressos: de R\$ 10,00 a R\$ 40,00. Teatro Municipal, Praça Ramos de Azevedo, s/nº, ☎222-8698. Até amanhã



'Canard Pékinois', de Josef Nadj: espetáculo é como uma partitura



Cena de 'En Los Zaguanes Angeles Muertos', do Teatro Del Sur: influências de Jung e Michel Foucault

# Nadj apresenta duas coreografias Teatro Del Sur encena a psicanálise

'Canard Pékinois' e 'Le Cri du Caméléon' são as obras do artista iugoslavo no 6º Fiac

BEATRIZ VELLOSO  
Especial para o Estado

O diretor e bailarino iugoslavo Josef Nadj é o responsável por dois espetáculos da programação do 6º Festival Internacional de Artes Cênicas: *Canard Pékinois*, que fica de hoje a domingo no teatro Sesc Anchieta, e *Le Cri du Caméléon*, que será apresentado do dia 29 ao dia 2. *Canard Pékinois* tem um valor sentimental para Nadj, que mora na França há mais de 15 anos. Foi a primeira coreografia que ele criou e dirigiu com seu grupo e já tem uma vida de dez anos de apresentações pelo mundo. No Brasil, esta será a primeira temporada de Nadj e seu Centre Choréographique National d'Orléans.

O espetáculo mistura dança e teatro e não tem uma narrativa linear, mas é baseado em um fato real que aconteceu pouco antes da 2ª Guerra Mundial em Kanizsa, cidade natal do diretor. "Na época, havia uma companhia de teatro amador que apresentava uma opereta chamada *Princesa Csartas*, sobre as ilusões da vi-

da burguesa", contou Nadj em entrevista coletiva na tarde de anteontem. "Quando as apresentações da opereta terminaram, os atores não conseguiram voltar para suas vidas cotidianas e muitos deles se suicidaram", lembra.

Pensando nesse evento, Nadj sentiu vontade de falar sobre situações em que o homem entra em conflito consigo mesmo e com a própria rotina. "É uma situação que pode ser trágica: a vida real de uma pessoa em choque com o espaço imaginário", explica Nadj. Sem narrar o episódio dos suicídios ("contar histórias é trabalho para a literatura"), o diretor lança mão de outros recursos. "A experiência teatral é mais complexa, afeta dimensões mais sutis das pessoas".

Assim, Josef Nadj diz que utiliza imagens, música, ritmo e gestos para provocar os espectadores. Mas não se entende música e ritmo da maneira usual: *Canard Pékinois* é feito de muito silêncio. "Para mim, cada espetáculo é uma partitura, o ritmo é gerado pelos gestos dos atores e bailarinos", acredita. O espetáculo é também bastante visual, carregado de influências das artes plásticas, carreira que o diretor iniciou mas acabou abandonando para servir no Exército.

Mas Nadj se sente à vontade mes-

mo na dança. Ele já estudou os mais diversos tipos de expressão corporal (inclusive capoeira) e usa elementos de artes marciais em seus espetáculos. "*Canard Pékinois* é um espetáculo físico, de testar os limites do corpo", relata o diretor. Desde 1986, quando a coreografia estreou na França, até agora, pouca coisa mudou no espetáculo. O elenco foi alterado (Nadj é o único que dança esta coreografia desde a criação) e o diretor acrescentou uma cena. O resto permaneceu praticamente igual.

Josef Nadj aponta poucas diferenças entre *Canard Pékinois* e *Le Cri du Caméléon*. A maior é o espaço — o segundo espetáculo será apresentado no Circo Escola Picadeiro, pois é uma performance da companhia de malabaristas e acrobatas do Centro Nacional das Artes do Circo. "Mas todos os meus trabalhos dão seqüência a coisas que eu fiz antes", acredita o coreógrafo. Assistir às montagens de Josef Nadj que estão na agenda do 6º Fiac é uma oportunidade de conhecer dois trabalhos contemporâneos dos mais interessantes e elogiados que a França tem no campo da dança-teatro.

### SERVIÇO

*Canard Pékinois*, de Josef Nadj. Hoje e amanhã, às 21 horas; domingo, às 19 horas. Ingressos: R\$ 25,00. Teatro Sesc Anchieta, Rua Dr. Vila Nova, 245, ☎256-2322. Até domingo

Companhia argentina é atração do Mercosul Cultural no Centro Cultural São Paulo

JOTABÊ MEDEIROS

O Teatro Del Sur é uma pequena companhia independente argentina criada em 1980 e que vai numa direção diametralmente oposta à do teatro convencional. A companhia é pequena, a sala de espetáculos é pequena, mas as ambições do Teatro Del Sur são bem razoáveis.

Uma dessas ambições, mostrar a confluência entre teatro e psicanálise, sobe ao palco hoje do Centro Cultural São Paulo, às 21h30. O grupo apresenta *En Los Zaguanes Angeles Muertos*, um de seus mais premiados espetáculos, dentro da mostra Mercosul Cultural.

"Se é que posso definir conceitualmente, diria que a peça trata da incomunicabilidade, da condição de uma pessoa que está 'huis clos', a portas fechadas, sem poder compartilhar sua experiência", diz Alberto Félix Alberto, o diretor do Teatro Del Sur.

Alberto é um dos mais respeitados intelectuais do teatro argenti-

no atual, prêmio Molière de melhor diretor em 1987 com *Tango Varsoviano* e responsável por festejadas temporadas do Teatro Del Sur em locais como o Teatro Nacional de Londres e o teatro da Brooklyn Academy de Nova York.

Com *En Los Zaguanes Angeles Muertos*, ele cria ambientes oníricos, tentando estabelecer uma conexão da experiência cênica com dois autores: Carl Jung e Michel Foucault. Pode parecer uma temeridade, mas não é se o espectador considerar as grandes influências assumidas de Alberto Félix: a coreógrafa Pina Bausch, o diretor Tadeusz Kantor e os cineastas Ingmar Bergman e Andrei Tarkovski.

"O cinema é de fato minha maior influência", diz Alberto, que dirigiu dois curtas e um média-metragem. Segundo ele, há artistas de formações diversas na companhia, como músicos e bailarinos, e o rótulo mais usual que dão a seu trabalho em Buenos Aires é "teatro de imagens." Ele prefere pensar que está mais próximo da dança-teatro.

Desde o início de sua atividade, o Teatro Del Sur procura mostrar de farsas medievais a obras de Ionesco ou O'Neill, buscando colocar seus integrantes em contato

com os diferentes estilos de teatro. Só daí, acredita seu diretor, é que pode partir uma sólida atividade experimental.

*En Los Zaguanes Angeles Muertos* tem três atores em cena: Alejandro Caprile, César Repetto e Rodrigo Cameron. Estreou em 1991, em co-produção com o Teatro General San Martín, e recebeu três dos mais importantes prêmios argentinos desde então: o Maria Guerrero, o Leónidas Barletta e o prêmio ACE 92. A versão que chega ao Centro Cultural é uma releitura atualizada do grupo.

Alberto Félix tem se apresentado no Brasil com certa constância, em festivais de teatro. Esse ano, deve se apresentar no 3º Porto Alegre em Cena, antes de embarcar para os EUA, onde estréia uma produção multimídia em Miami. Do Brasil, confessa que o diretor que mais o impressionou foi Antunes Filho, de quem viu *A Nova Velha História*. Nessa estada em São Paulo, quer aproveitar para ver o espetáculo de que mais tem ouvido falar, *O Livro de Jó*, de Tó Araújo.

### SERVIÇO

*Teatro Del Sur*, no espetáculo 'En Los Zaguanes Angeles Muertos'. Hoje e amanhã, às 21h30. Grátis. Centro Cultural São Paulo, Rua Vergueiro, 1.000, ☎277-3611

DIRETOR É UM DOS MAIS PREMIADOS DA ARGENTINA